

# ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA.

**OLIVEIRA**, Ivana Maria Dias  
[ivanamaria8@hotmail.com](mailto:ivanamaria8@hotmail.com)

**GALLY**, Christianne de Menezes.(orientadora)  
Graduada em Letras e Mestra em História da Educação pela Universidade Federal de Sergipe.  
Professora adjunto III do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – Unit,  
revisora da Universidade Aberta do Brasil/MEC e coordenadora do Grupo de Pesquisa de  
Estudos Lingüísticos em Sergipe/UNIT.  
[christianne.gally@gmail.com](mailto:christianne.gally@gmail.com)

## RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer vir à superfície, através das teorias inscritas na disciplina Análise de Discurso (AD), o discurso citado manifestado pela voz do Outro. Terá como *corpus* fragmentos do discurso de um magistrado integrante do Poder Judiciário do Estado de Sergipe. A análise se baseou nas abordagens de Michel Pêcheux, fundador da AD, de Mikhail Bakhtin, filólogo, precursor da construção do conceito do Outro ancorado na dimensão dialógica, de Authier-Revuz, lingüista que concebe o Outro na e pela linguagem, e de outros teóricos que fizeram eco à linguagem marxista do filósofo Louis Althusser. Nesse espaço, além de percorrermos as enunciações vistas pelas citações e alusões, observaremos a presença do que já estava armazenado na memória do magistrado e do que foi atravessado por um dito vindo de outro lugar.

**PALAVRAS -CHAVE:** Análise do Discurso; Citação; Alusão.

Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este 'quer dizer' do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, o 'quer dizer' do discurso do inconsciente – este fundo duplo do qual a lingüística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais (ALTHUSSER, 1985).

## Introdução

Ao proferir um discurso em um evento jurídico-social o orador tem por objetivo estabelecer uma interação comunicativa com a platéia ouvinte. A determinação dessa finalidade faz com que seja indispensável a comunicação verbal entre o locutor, a enunciação<sup>1</sup> e o enunciado<sup>2</sup>. Nessa interação as vozes se materializam, explícita ou implicitamente, refletindo não só a intenção do locutor vista pelo sujeito imbricado em rituais ideológicos, mas também os valores que estruturam a sociedade da qual ele faz parte.

Com interesse em localizar um discurso<sup>3</sup> e interpretá-lo frente às correntes que dedicaram suas teorias à natureza do conhecimento da AD, é que começamos a refletir sobre o ato da linguagem de forma diferenciada. A partir dessa forma de ação, é que nos propomos a estruturar como o dizer do Outro funciona em um processo de enunciação.

---

<sup>1</sup> A enunciação equivale a colocar fronteiras entre o que é selecionado e, pouco a pouco, tornado preciso e o que é rejeitado (Dicionário da AD).

<sup>2</sup> O enunciado, sob o ponto de vista da AD, é considerado como olhar um texto sob a perspectiva de sua estruturação (idem).

<sup>3</sup> Segundo o conceito de Silva (2005), o discurso é a manifestação que, supondo o diálogo bakhtiniano, caracteriza-se por produzir um efeito de sentido. Para esse efeito de sentido tem grande importância a formação ideológica/formação discursiva a que está vinculado.

Direcionando essa análise para um discurso presenciado em um acontecimento<sup>4</sup> carregado de construções discursivas que simbolizou para a comunidade jurídica sergipana uma representação hierárquica na estrutura do Poder Judiciário, ou seja, registrou a posse de um Juiz de Direito na sua ascendência ao cargo de Desembargador, entrelaçamos os propósitos para, através desse discurso, visualizar, corroborando com as estratégias utilizadas pelos lingüistas na percepção do Outro, as enunciações carregadas de sentido literário marcadas pela articulação do já apreendido na memória do magistrado.

### **O sujeito e sua ideologia**

É com Althusser que vamos apresentar os instrumentos para a observação de que a materialidade das ideologias é formada a partir do funcionamento das instituições. Em suas palavras, “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1985, p.93), o que para Maldidier, “Althusser abre literalmente a questão a Michel Pêcheux, pelo paralelismo que ele coloca entre evidência do sentido e do sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.34). Desse modo, é constituído a pirâmide sujeito, sentido e ideologia.

Pêcheux, althusseriano que leva ao encontro a língua e a ideologia, coloca, segundo Orlandi (apud, Maldidier, 2003), o discurso como o lugar de acesso e observação da relação entre a materialidade específica da ideologia e a materialidade da língua. Nessa ancoragem, o discurso começa a ter uma nova asserção e passa a ser processado com uma outra articulação: “É impossível, afirma Pêcheux, “analisar um discurso como um texto [...]; é necessário referi-

---

<sup>4</sup> Para Pêcheux (apud Orlandi, 2006), o acontecimento é um ponto onde se encontra a atualidade e a memória. Ele é prefigurado discursivamente em enunciados que remetem ao mesmo fato.

lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção” (MALDIDIÉ, 2003, p. 23).

Baseando-se nessa perspectiva é que surge, para a nova ciência, a adoção da teoria de Karl Marx (1818-1883). A importância da ideologia marxista para a AD se dá pela análise e historicidade do discurso encontrado em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970), obra original em que o filósofo Louis Althusser faz uma releitura de Marx para distinguir a teoria das ideologias particulares de uma teoria da ideologia em geral. Na sua abordagem acerca de ideologia, Althusser faz um advertência: “antes de expor a razão de princípio que me parece fundar, ou ao menos autorizar, o projeto de uma teoria da ideologia em geral, e não de uma teoria das ideologias particulares que expressam sempre, qualquer que seja sua forma, *religiosa, moral, jurídica, política*, posições de classe” (ALTHUSSER, 1985, p. 82). No seu posicionamento, ele propõe que será necessário empreender uma teoria das ideologias, na qual repousa a história das formações sociais e das lutas de classe que se desenvolvem nelas.

De acordo com Amaral (1999), a condição de produção do discurso começa com a compreensão do processo das determinações sociais, políticas e econômicas da produção intelectual em geral, designada pela teoria marxista como formas de consciência ou formações ideológicas. Para ela, é como discurso que a produção intelectual tem efeitos de sentido, atua na realidade e provoca mudanças nas mesmas relações sociais que a originam. Em sua tese, propõe que “a noção de processo sócio-histórico é definida em relação a um modo específico de produção e reprodução de sociedade capitalista, sustentada pelo antagonismo dos capitalistas e trabalhadores” (AMARAL, 1999, p. 27).

No seu entendimento, há implicação de que a noção de processo sócio-histórico vem apoiada na proposição defendida pela ideologia marxista de que a sociedade não está composta de indivíduos, mas de classes que se enfrentam em lutas de classes, e, como evidencia Althusser (1985), o específico da teoria que se pode retirar de Marx sobre a ideologia é a afirmação de que há uma sobreposição na relação dos indivíduos, ou seja, uma verdadeira luta de classes:

a reprodução da força de trabalho não exige somente uma reprodução de sua qualificação mas ao mesmo tempo uma reprodução de sua submissão às normas da ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante por parte dos operários e uma reprodução da capacidade de perfeito domínio da ideologia dominante por parte dos agentes da exploração e repressão, de modo a que eles assegurem ‘pela palavra’ o predomínio da classe dominante (ALTHUSSER, 1985, p. 58).

É evidente que é a partir dessa proposta marxista que percebemos tratar do método do materialismo histórico, o qual serve de referência para o entendimento das condições de produção do discurso, visto que expõe a relação contraditória entre produção e reprodução da vida dos homens em sociedade.

Em uma mesma acepção, com outras palavras, Amaral (1999) afirma que “o processo de produção do discurso é um complexo processo de inter-relação entre os sujeitos falantes e o meio social em que vivem; nessa interação os sujeitos sustentam determinadas posições em relação a determinadas posições ideológicas” (AMARAL, 1999, p. 29).

Ao final, concretizamos o reconhecimento da presença do materialismo histórico na AD, apresentando a visão de Mussalim ( 2004) na qual ela esclarece que Althusser, ao investigar o que determina as condições de reprodução social, partiu do pressuposto de que as ideologias têm existência material. Assim, elas devem ser abordadas não como idéias, e sim como práticas materiais que reproduzem as relações de trabalho.

### **O discurso do Outro**

O discurso marcado pela sua incompletude se formaliza em uma relação com outros textos, existentes ou imaginários, com suas condições de produção, sujeito e situação, e com sua exterioridade constitutiva, o interdiscurso e a memória do dizer. Pode-se dizer que, nessa produção, o enunciador articula o que já existe na sua memória com o contexto sócio-histórico, ideológico. Na sua memória está armazenado o interdiscurso, região de encontros e desencontros de sentidos, ou seja, aquilo que já foi dito antes, por outra pessoa e em outro lugar, isto é, o discurso é constituído pela memória de outros discursos. Para Maingueneau (apud, Dicionário de AD, 2004), em uma formação discursiva existe uma memória externa e outra interna. A primeira, coloca-se na filiação de formações discursivas anteriores, ou seja, formulações recorrentes; a segunda, apesar de se apoiar em uma tradição, cria, aos poucos, a sua própria tradição. Pode-se dizer com isso, que no discurso cada enunciação é um episódio de uma unidade mais vasta, a sucessão de enunciados, que já ocorreram entre os enunciadorees.

Gregolin (2003) propõe que há uma heterogeneidade no discurso quando as práticas sociais discursivas estão inscritas em lugares sociais organizados e reconhecidos como portadores de fala. Os atos de fala sociais são impostos por regras de modo de dizer, onde a produção de sentidos obedece aos campos institucionalmente constituídos como lugares de onde se fala.

Com outra proposição, Mikhail Bakhtin (2004) faz uma reflexão sobre a linguagem fundamentado no marxismo, demonstrando a natureza ideológica do signo lingüístico e o caráter social, interativo e dialógico da linguagem. Tomando como pressuposto o diálogo, elabora o conceito de polifonia enunciativa e busca a alteridade como constitutiva da linguagem ao analisar os tipos de discurso direto, indireto e indireto livre. Percebe-se o raciocínio de Mikhail Bakhtin quando ele diz que a língua, concreta e viva, tem uma propriedade intrínseca, o dialogismo:

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mais exterior: está situada no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística (BAKHTIN, 2004, p.121).

Tendo isso em conta, busca-se nas palavras de Orlandi (2005, p.32) a afirmação de que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua”.

Para fundamentar a análise do Outro como sendo um ser constitutivo do sujeito e da linguagem, Brait (2001), toma por base teórica a concepção da lingüista Jacqueline Authier-Revuz que trabalha sua teoria considerando dois aspectos: o primeiro, a partir do conceito de dialogismo, introduzido por Bakhtin e o segundo, da abordagem psicanalítica do sujeito como efeito de linguagem, para elaborar sua teoria sobre a heterogeneidade mostrada<sup>5</sup> e constitutiva<sup>6</sup> do discurso. Esse se revela heterogêneo quando atribui um papel privilegiado à presença de discursos Outros, ou seja, atribuíveis à outra fonte enunciativa. Brait (2001, p.7), diz que Authier “recupera o caminho bakhtiniano para a constituição de uma concepção de linguagem, em que dialogismo e polifonia são considerados os alicerces calcados num contexto de outro discursivo, ideológico e interacional”. Grosso modo, essa concepção de linguagem fala da multiplicidade de vozes presentes no discurso e das relações que entre elas se estabelecem.

Precavendo-se contra determinadas tendências da AD, em que a língua, a materialidade lingüística e sua descrição foram preteridas em nome da análise ideológica do discurso e de exteriores lingüísticos, Authier-Revuz se coloca como

lingüista e não como analista do discurso; o que faz com que ela permaneça no nível lingüístico, na materialidade lingüística, no que a autora chama de “fio do discurso”, e que pode ser entendido como enunciado, não no sentido da frase modelo mais do ato de enunciação ( Brait, 2001, p.9).

---

<sup>5</sup> A heterogeneidade mostrada corresponde à presença localizável de um discurso que viria introduzir, do exterior, o discurso do Outro, com traços visíveis de citação, alusão, etc. (Dicionário de AD, 2004).

<sup>6</sup> A heterogeneidade constitutiva do discurso é dominada pelo interdiscurso. Ela se constitui através de um debate com o Outro (idem).



Portanto, nos exteriores teóricos aos quais Authier-Revuz (apud, Brait, 2001) recorre para a construção do seu arcabouço teórico-descritivo do Outro, estão o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise, na leitura lacaniana e freudiana. Para descrever as formas de heterogeneidade mostrada no discurso, Revuz recorre a essas duas correntes de pensamento por trabalharem concepções de sujeito, de sentido e de linguagem, a partir de diferentes posturas diante do que se compreende o Outro. Em seu argumento (apud Brait, 2001, p. 10), ela diz: “a concepção do outro para o estudo do sujeito e da linguagem não é a mesma nos trabalhos produzidos pelo círculo de Bakhtin, conjunto das assinaturas que se justapõem a do teórico russo, e aquela que fundamenta a teoria lacaniana”. Para Brait (2001), o que as duas versões do Outro têm em comum e que serão utilizadas por Authier-Revuz são: “o fato de conceberem o Outro como inalienável, por diferentes caminhos, da constituição das identidades, dos sujeitos e das formas de manifestá-los e constituí-los na e pela linguagem e pela oposição aos rumos dados à questão pela psicologia da época” (apud, Brait, 2001, p. 9).

### **A citação literária no discurso do magistrado**

Como Authier-Revuz que aporta sua fundamentação a partir da assunção do outro como constitutivo do sujeito e da linguagem (Brait, 2001), teremos como proposta de análise observar o discurso do magistrado refletindo acerca do arcabouço teórico de Bakhtin, em que a base para o encontro do outro será calcado no discursivo, ideológico e interacional. Nesse ponto de encontro aparece uma interação entre o sujeito na sua relação com a linguagem e com o sentido do discurso. Nasce aí o dialogismo discursivo, o qual, para Barros (1999, p. 2), se dá em dois aspectos: "o da interação verbal entre enunciador e o enunciatário do texto e o

da intertextualidade no interior do discurso". Para a autora, com suas reflexões em torno de propostas bakhtinianas, o dialogismo é decorrente da interação verbal estabelecida entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto.

Apontando o que Bakhtin entendia como dialogismo interacional através do sujeito, não como centro do discurso, mas sim formado por diferentes vozes sociais, sendo histórico e ideológico, observamos que nenhuma palavra é nossa, sempre traz em si a perspectiva de outra voz. Com isso, aceitamos o que Brait (1999) coloca, quando corrobora com a visão de espelhar a questão do autor em relação a seu discurso, e faz uso das palavras de Bakhtin para retomar a concepção dialógica quanto à maneira de apropriar-se do discurso alheio:

tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala. (BAKHTIN apud Barros, 1999, p. 14).

Na aceitação desse conjunto de apontamentos é que vamos fazer uma incursão pelo fazer bakhtiniano percorrendo os fragmentos que vão abaixo citados, observando as vozes instauradas nas idéias elaboradas, assimiladas ou mascaradas. Não deixando de observar, contudo, com os nossos propósitos buscando apoio em Brait (idem), a importância do contexto extraverbal. Nesse sentido, ela propõe que "existe no processo de comunicação, e por força do processo interacional, elementos pressupostos e que fazem parte da construção da significação" (apud, Barros, 1999, p. 19).

Vemos abaixo como o Bakhtin, uma relação de dialogismo literário, em que o magistrado/autor elabora o seu discurso em vista do outro, no qual este perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu/autor. Fazendo uso da intertextualidade, definida por Fiorin (apud Brait, 1999), como sendo um processo de incorporação de um texto por outro, pelo qual se pode reproduzir o sentido incorporado ou até mesmo transforma-lo. Para se entender esse conceito utilizaremos a utilização da citação e da alusão recorrente no fragmento de parte do discurso (**Anexo**):

### **Fragmento I**

#### **(Alusão)**

Extraio de Goethe, na magistral obra que lhe consumiu 60 anos para concluí-la, uma passagem melancólica, desesperadamente melancólica, quando, há certa altura dos seus Diálogos Preliminares, culmina com a evocação dos tempos cintilantes da sua vida e roga ao Supremo que lhe restitua a majestade e a inocência desse passado. É com essas palavras que se pronuncia o magistral poeta:

#### **(Citação)**

"Já vão longe os tempos  
de noviço,  
manancial de cânticos perenes,  
ignorância do mundo, inexperiência  
que num botão de flor Édens previa.  
Então sim,  
que topava em cada vale  
boninas que ceifar. Eu nada tinha ...  
e tinha tanto!: o anelo da verdade.  
Cobiça d'ilusões.

Oh! Restitui-me  
Esses d'outrora indômitos impulsos,  
A dita agridulcíssima; a energia  
Do aborrecer, do amar. Oh! Restitui-me,  
Se podes, restitui-me a mocidade!"

#### **(Alusão)**

De minha parte, prefiro atribuir a um átimo de desencanto do gênio alemão, o desânimo revelado nesses versos.

Na mesma direção, um outro fenômeno que também diz respeito à presença de duas vozes num mesmo segmento discursivo é a interdiscursividade que, para Fiorin (1999, p. 32), "é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro". Como na intertextualidade, a interdiscursividade se apresenta sob o processo da citação e da alusão. O que se pode verificar no fragmento de parte do discurso (**Anexo**) :

## **Fragmento II**

### **(Alusão)**

Ainda sou daqueles que têm fé na evolução positiva do caráter das pessoas, pois, como bem observava o extraordinário mestre do Direito Penal e um dos expoentes do Ministério Público Brasileiro, Roberto Lyra, no I volume do seu Novo Direito Penal, citando Tobias Barreto:

### **(Citação)**

"Se até as aves mudam a cor das plumas e as flores a cor das pétalas, por que razão não poderia o homem mudar a direção da sua índole"?

### **(Alusão)**

Cultivo a esperança do crescimento interior como forma de alcançar, segundo André Comte-Sponville, uma dimensão espiritual,

### **(Citação)**

"sem a qual a humanidade não tem mais valor, nem importância, nem dignidade".

### **(Alusão)**

Seria, então, no dizer de Montaigne, a vacância do absoluto. Opto por não me abater com as surpreendentes constatações negativas, pois esse se quedar configuraria um ir morrendo aos poucos, à medida que o espírito se deixava ir esvaziando das benditas ilusões. Penso como Sponville, quando enaltecendo a vida, proclama:

### **(Citação)**

"É por que sei que vou morrer que minha vida como toda a vida me parece tão preciosa".

### **(Alusão)**

Isso é uma ode heróica. E se é desse otimismo que alimento minha alma, meu espírito, não hesito em rechaçar a mofa com que Dostoievski trata em suas Notas de Subterrâneo, os que acreditam que:

### **(Citação)**

"o homem só comete torpezas porque ignora os seus verdadeiros interesses. Se lhe esclarecerem, se lhe abrirem os olhos acerca dos seus interesses verdadeiros e normais, ele imediatamente deixará de cometer torpezas, imediatamente se tornará bom e digno, por que uma vez esclarecido e compreendido sua real vantagem, passar á a ser seu, o interesse na prática do bem - e como todos sabemos que nenhum homem pode, conscientemente, agir em seu próprio prejuízo, daí se segue que, por assim dizer, a necessidade o levará a praticar o bem".

Há nesse discurso, através da citação e da alusão, ênfase acerca da evolução espiritual do homem. Na medida em que o magistrado repousa a sua idéia nas palavras do Outro, ele vai construindo a sua identidade discursiva, ou talvez se iludindo, como aponta Edward Lopes: "o discurso é uma trapaça: ele simula ser meu para dissimular o que é do outro" (LOPES apud Fiorin, 1999, p. 35). Assim sendo, no discurso o magistrado, ao repetir o mesmo percurso temático do Outro define sua identidade, representando-se.

### **Conclusão**

Há, naturalmente, outros enfoques para serem abordados na análise do discurso de um magistrado. Entretanto, a nossa escolha teve como proposta revelar, diante das proposições teóricas dos estudiosos da AD, que no exterior lingüístico de uma enunciação se esconde um elemento que dá voz e que carrega na sua identidade ideológica uma formação sócio-histórica. Essa revelação leva-nos ao encontro do Outro.

Sujeito constituído, o Outro agrega à sua formação intelectual uma posição de classe. A primeira delas é articulada mediante uma produção intelectual com efeitos de sentido, constituída pela materialidade ideológica e pela materialidade lingüística, as quais são

expressas através da enunciação, que vem a ter lugar tanto na instauração do sujeito como nos traços e marcas do enunciado. A segunda, por sua vez, é perseguida pela filosofia marxista, na qual a sociedade se compõe de classes que se enfrentam em luta de classes.

Com efeito, assimilando a abordagem bakhtiniana, percebemos que o discurso, constituído pelo sujeito e pelo sentido, discursa com outros discursos, não sendo ele singular é revestido de uma pluralidade, produzida pelas vozes sociais que dialogam, fazendo trocas enunciativas.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. São Paulo: Graal, 1985.

AMARAL, M. V. Borges. **Língua, História e Ideologia. Leitura – Análise do Discurso**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL), Maceió, n. 23, jan/jun – 1999.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRAIT, Beth (Org). **Estudos enunciativos no Brasil**. São Paulo: Pontes, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. 2. ed. São Paulo: Claraluz, 2003.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 4. ed. v. 2. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. São Paulo: Pontes, 2005.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro. **Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2005.

## ANEXO

Minhas Senhoras.  
Meus Senhores.

A Câmara Criminal deste Tribunal de Justiça, constituída de 3 membros, esteve reduzida de um deles – o Desembargador Manoel Pascoal Nabuco D’avila – há mais de seis meses, pelo seu aposentamento.

No dia 15 de fevereiro passado, nova diminuição com a aposentação do Desembargador Gilson Góis Soares.

Sabendo-se da vedação do funcionamento daquele órgão com a maioria dos seus membros constituída por juizes de primeiro grau, o quadro gerou preocupação em tantos quantos sejam responsáveis pela entrega da prestação jurisdicional na esfera do Segundo Grau, neste Estado.

Recolhi do digno Presidente desta Casa, o Desembargador José Artêmio Barreto, a sua inquietação com essa conjuntura.

Sensibilizei-me como cidadão e como magistrado, notadamente em se tratando de órgão fracionário deste Tribunal voltado para decidir sobre matéria que diz com a liberdade dos indivíduos; sensibilizei-me com as razões mais do que jurídicas, humanas, que afligem o espírito do nosso Presidente e, por certo, afetam todo o corpo desta Casa que administra a Justiça.

Em harmonia com o Chefe deste Poder, concluí ser mesmo de interesse público, pelos motivos já expostos, a abreviação do tempo para empossar-me no cargo de Desembargador, escolhido que fui, em escrutínio exercido sob os ditames constitucionais, legais e regulamentares desse procedimento, figurando na terceira lista tríplice consecutiva de candidatos ao Cargo de Desembargador, pelo critério de merecimento.

Tenho agora a ventura de integrar o Pleno deste Tribunal de Justiça, ombreando-me, para gáudio meu com cada uma e com cada um dos dignos magistrados conformadores desta Corte de Justiça, registrando aqui meu preito de reconhecimento a todos os que agora me acolhem no regaço da sua convivência institucional, já que no íntimo do sentimento de amizade de cada uma e de cada um de Vossas Excelências, eu já me havia inscrito há muito tempo.

Novo papel me é destinado, agora, na cena da minha atividade judicante, sem que dele se exclua, evidentemente, a riqueza do meu aprimoramento humano e profissional ao judicar no Primeiro Grau.

Ao utilizar aqui as expressões papel e cena, o faço por entender que a vida é um teatro em permanente espetáculo. Nele, contracenamos todos nós, cada um com os diversos e respectivos papéis que as circunstâncias, os determinismos, e até algum arbítrio, permitiram desempenhar.



Representamos, sempre.

Ainda quando nos revelamos a nós mesmos com nossos sentimentos, angústias, ideais, projetos, expectativas, nada mais fazemos do que construir uma significação das coisas mesclada de universalidade, porém com uma predominância do singular de cada um.

Somos, pois, seres representativos de uma cultura, de um tempo, de uma gente, de nós mesmos, com toda a carga de emoções a que somos submetidos, enquanto produto da condição humana a quem toca, embora, o imperativo de, empiricamente, observar-se e observar o mundo.

Só assim, nos preparamos para, sob uma perspectiva crítico-construtiva, de inspiração humanística, irmos aos poucos aprimorando o iter existencial, colimando atingir a meta de uma humanidade mais humana, por que mais solidária, embora reconhecendo-nos finitos na peregrinação que desenvolvemos no terreno do nosso eu divino, sem o olvido do jornadaear, por vezes, na noite do nosso eu pigmeu, parafraseando Gibran Khalil Gibran; ou simbolizando as criaturas celestes e infernais criadas pela nossa imaginação, como bem registra Goethe em seu extraordinário Fausto – o equivalente moderno da Divina Comédia de Dante, ambos resumindo em suas respectivas obras todos os pensamentos e modos de sentir que permearam o homem mais primitivo, continuam e continuarão animando, para o bem e para o mal, o homem contemporâneo e o homem porvir.

Extraio de Goethe, na magistral obra que lhe consumiu 60 anos para concluí-la, uma passagem melancólica, desesperadamente melancólica, quando, há certa altura dos seus Diálogos Preliminares, culmina com a evocação dos tempos cintilantes da sua vida e roga ao Supremo que lhe restitua a majestade e a inocência desse passado.

É com essas palavras que se pronuncia o magistral poeta:

Já vão longe os tempos de noviço,  
manancial de cânticos perenes,  
ignorância do mundo, inexperiência  
que num botão de flor Édens previa.  
Então sim, que topava em cada vale  
boninas que ceifar. Eu nada tinha ...  
e tinha tanto!: o anelo da verdade.  
Cobiça d'ilusões.  
Oh! Restitui-me  
Esses d'outrora indômitos impulsos,  
A dita agridulcíssima; a energia  
Do aborrecer, do amar. Oh! Restitui-me,  
Se podes, restitui-me a mocidade!

De minha parte, prefiro atribuir a um átimo de desencanto do gênio alemão, o desânimo revelado nesses versos.

Ainda sou daqueles que têm fé na evolução positiva do caráter das pessoas, pois, como bem observava o extraordinário mestre do Direito Penal e um dos expoentes do Ministério Público Brasileiro, Roberto Lyra, no I volume do seu Novo Direito Penal, citando Tobias Barreto: “Se até as aves mudam a cor das plumas e as flores a cor das pétalas, por que razão não poderia o homem mudar a direção da sua índole?”.

Cultivo a esperança do crescimento interior como forma de alcançar, segundo André Comte-Sponville, uma dimensão espiritual, “sem a qual a humanidade não tem mais valor, nem importância, nem dignidade”.

Seria, então, no dizer de Montaigne, a vacância do absoluto.

Opto por não me abater com as surpreendentes constatações negativas, pois esse se quedar configuraria um ir morrendo aos poucos, à medida que o espírito se deixava ir esvaziando das benditas ilusões.

Penso como Sponville, quando enaltecendo a vida, proclama: “É por que sei que vou morrer que minha vida como toda a vida me parece tão preciosa”.

Isso é uma ode heróica.

E se é desse otimismo que alimento minha alma, meu espírito, não hesito em rechaçar a mofa com que Dostoiévski trata em suas Notas de Subterrâneo, os que acreditam que

o homem só comete torpezas porque ignora os seus verdadeiros interesses. Se lhe esclarecerem, se lhe abrirem os olhos acerca dos seus interesses verdadeiros e normais, ele imediatamente deixará de cometer torpezas, imediatamente se tornará bom e digno, por que uma vez esclarecido e compreendido sua real vantagem, passará a ser seu, o interesse na prática do bem – e como todos sabemos que nenhum homem pode, conscientemente, agir em seu próprio prejuízo, daí se segue que, por assim dizer, a necessidade o levará a praticar o bem.

Mesmo numa época conturbada, de quase devastação emocional como a que vivemos agora, filósofos contemporâneos como Jürgen Habermas, da Alemanha e Jacques Derrida, da França, no livro *Filosofia em Tempo de Terror – Diálogos com Habermas e Derrida*, organizado por Giovanna Borradori, há um registro da opinião de Derrida, segundo a qual “Quando nos perguntamos se, no presente, vivemos uma era iluminada, a resposta é: não, mas vivemos em uma era de iluminação”, acrescentando que, “na verdade, nunca podemos confiar que vivemos em uma era iluminada, mas em uma era na qual a iluminação é um processo que tem a necessidade constante de ser cultivado”.

Indubitavelmente, o contraste entre a tragédia da violência manifesta, em sua maior expressão, no avanço do terror pelo mundo, em confronto com a humanização do propósito, por exemplo, das pesquisas com células-tronco, dão bem uma dimensão do processo de iluminação que tem a necessidade constante de ser cultivado. E já está em prática esse processo de cultivo. Se há um certo desalento, ante a constatável obscuridade de determinados comportamentos, por outro lado, felizmente, a destinação da ciência e da tecnologia para fins humanitários conforta e redime, gera esperança e afasta o pessimismo.

É com este aparato conceptual que pretendo desenvolver minha judicatura aqui, como sempre o fiz no Primeiro Grau.

A dimensão de idealismo sempre foi e continuará a ser o vetor das minhas manifestações na Câmara Criminal e no Pleno desta Corte de Justiça.

Encerro esta minha breve fala, que é também uma profissão de fé no ser humano, lembrando os versos do Ministro Carlos Brito, nosso eterno Carlinhos, quando em seu livro *Ópera do Silencia*, em magnífica síntese, confronta a materialidade e a crença verbalizando:

Já não há um mundo físico  
Para onde fugir.  
Mas sempre existe um mundo de crenças,  
Todas ao alcance de um dízimo.

Muito obrigado.